

ModaPalavra e-Periódico
Fotografia: Traços da História, da Memória e da Moda

Photo: Traces of History, Memory and Fashion.

Marcia Merlo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

mmerlo@anhembibr

Romario Brandão

Universidade Anhembi Morumbi

romariobrandao@yahoo.com.br

Resumo:

O artigo procura estabelecer uma relação entre História e Memória, por meio do trabalho museológico que lida com a fotografia como documento. Nesse contexto, a fotografia – no atributo de um *traço* do ocorrido – corrobora na construção de uma imagem que remete ao passado, nas reminiscências de modos e modas de outrora e de agora. Assim, a fotografia, detentora de memórias, apresenta-se como objeto de estudo e análise social, histórica, antropológica e política, isto porque o cedente da foto para o Museu é tratado como autor de sua própria história.

Palavras-chave: Design, Moda, Fotografia, Museu.

Abstract:

The article seeks to establish a relationship between History and Memory, by working museum that deals with photography as a document. In this context, the photograph - the attribute of a trace of what happened - supports the construction of an image that refers to the past, in the reminiscences of manners and fashions of yesteryear and now. Thus, photography, holds memories, presents itself as an object of study and analyze the social, historical, anthropological and political, that because the originator of the photo to the Museum is treated as the author of your own story.

Key-words: *Design, Photography, Museum.*

Introdução

A conexão entre moda, memória e a história é abrangente. A sociedade moderna se caracteriza como uma sociedade de roupas, carregadas de símbolos, que, de certa maneira, sustentam relações sociais (SANTAELLA, 2004). Nesse sentido, a fotografia como documento possibilita interpretações do que nela se esconde e consente analisar uma imagem mais tangível da realidade. A fotografia é pespontada de histórias e memórias, que se deixam registrar como imagem que corisca irreversivelmente.

Esse artigo, em parte, apresenta o acompanhamento da construção de um acervo digital de documentos fotográficos, objetivando preservar e revisitar memórias que venham contribuir para pensar modos e modas por meio de ações museológicas. Além de compreender alguns aspectos da constituição de acervo fotográfico digital/digitalizado, por meio do levantamento de bibliografias de história da indumentária e da moda, assim como do recurso da história oral para pensar a relação entre os sujeitos e os objetos.

Para tanto, esse trabalho teve caráter exploratório e descritivo, contendo: levantamento bibliográfico e iconográfico em torno da Memória, da História da Indumentária e da Moda e da fotografia aplicadas à museologia. Foram utilizadas, para esse estudo, técnicas qualitativas para o apoio na coleta, sistematização e análise de histórias de vida, histórias orais e depoimentos para a composição de acervo de fotografia digital/digitalizada para um museu virtual – o MIMo: Museu da Indumentária e da Moda.

Entre a história e a memória: o Museu da Indumentária e da Moda

A história e a memória no contexto de um museu da indumentária e da moda fornecem subsídios importantes no que se refere às informações sobre um dos aspectos mais simbólicos da cultura material: o modo de se vestir, e a forma como as roupas permeiam a vida individual e coletiva. Por meio disso, começa-se a pensar e discutir sobre o que é exposto pelos objetos cotidianos. Os objetos são memórias de

ModaPalavra e-Periódico

costumes, expressões da vida, podem representar um comportamento de consumo em diferentes momentos do passado. (NORA, 1993)

A discussão em torno da memória e da história produz certos desdobramentos. Para Nora (1993), a memória é tida como uma recordação determinada, detentora de um legado que dá sentido e forma, é viva e dinâmica. Por sua vez, a história, pode ser compreendida como uma narrativa, separando e apurando os fatos.

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado [...] instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 09).

A Memória é uma “construção psíquica e intelectual” que conduz a certa representação do passado, que pode não ser somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto social. Segundo Henry Rousso:

Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.(ROUSSO, 1998, pp.94-95).

A História e a Memória Coletiva¹ estabelecem um diálogo à medida que não são encaradas como análogas e sim complementares, diante da complexidade humana. Segundo o filósofo francês Maurice Halbwachs (2004), os grupos sociais têm a memória como obra, apesar de serem os indivíduos a ‘lembrarem’, os grupos sociais é que deliberam o “memorável” e a maneira pela qual será lembrado, descreve-se então a memória como uma “reconstrução do passado”.

¹ A História neste projeto é a da indumentária e da moda, o que está publicado e apoia a pesquisa para compreender os trajes. Em paralelo a memória é a oral, coletiva, que traz a interpretação pelo sujeito cedente da imagem que o representa no contexto do Museu.

ModaPalavra e-Periódico

Nesse sentido, contextualizando, a história e a memória também estão ligadas às roupas. Em meados do século XV as roupas eram deixadas em testamento, aqueles que as herdavam, recebiam mais do que um bem material, pois a roupa carregava a memória de quem às confiou. Para Peter Stallybrass (2008), a conexão entre a roupa e a memória é abrangente, a sociedade moderna se caracteriza como uma “sociedade de roupas” porque os objetos materiais são cobertos de significados emblemáticos que de certa maneira corporificam as relações sociais. Em suas palavras:

Numa sociedade da roupa, pois, a roupa é tanto uma moeda quanto um meio de incorporação. A medida em que muda de mãos, ela prende as pessoas em redes de obrigações. O poder particular da roupa para efetivar essas redes está estreitamente associado a dois aspectos quase contraditórios da sua materialidade: sua capacidade para ser permeada e transformada tanto pelo fabricante quanto por quem a veste; e sua capacidade para durar no tempo. A roupa tende pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente, ou morre, a roupa absorve sua presença ausente. (STALLYBRASS, 2008, pp. 13-14)

Ainda, segundo o autor, estamos atentos ao que está ausente nos objetos materiais: “rodeados como estamos por uma extraordinária abundância de matérias, seu valor deve ser incessantemente desvalorizado e substituído”. Outrora, a relação da roupa com a memória é desenhada pela sua materialidade. “[...] As roupas têm uma vida própria: Elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de códigos para outras presenças materiais e imateriais”. (2008, pp. 21-22)

A relação entre moda, memória e história, envolta pela narrativa, de que a primeira é construída pela materialidade que a roupa possui, indica outra/nova percepção. Essa materialidade caracteriza um fabrico que toma corpo nas relações entre as pessoas. Portanto, a roupa representa as relações sociais que estabelecem a prática do design. (FORTY, 2007)

Em suma, a memória baseada na temporalidade da história, cria referências ao design/pensador de moda. Sem a memória, estaríamos sempre em processo incitativo, pois, a partir de tirocínios acumulados que se acionam novas aprendizagens.

O objetivo da memória não consiste em fazer-nos sorver aquilo que aconteceu, transportando-nos para uma época e para momentos passados, mas consiste, precisamente ao contrário, em deixar que o passado encontre espaço e acolhimento no presente (PERNIOLA, 1993, p.125).

Indubitavelmente, a memória possibilita que a aprendizagem se mantenha e venha a ser empregada quando necessário. Assim, um museu virtual que agrupe certas “memórias” da indumentária e da moda, corrobora frente à historicidade, e promove ações museológicas sem precisar de um espaço físico, pois como alega o filósofo Pierre Lévy, o espaço virtual “será em breve o principal equipamento coletivo internacional da memória, pensamento e comunicação”. (1999, p. 56)

Desta maneira, a História e a Memória corroboram na alteração do valor e uso da fotografia como instrumento de registro e reminiscências.

Fotografia: ‘relicário’ de história, memória e moda.

Muitas fotografias adquirem uma madureza imagética e semântica, com o passar do tempo, fazendo-nos perceber a importância da manutenção de nossas fotografias, álbuns de família, coleções iconográficas, pois nosso presente-passado está subjugado a nossa memória.

a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. (LE GOFF, 2003, p.460).

A fotografia é um documento que oferece a possibilidade de conhecer a história, do ponto de vista em que apresenta informações sobre objetos, pessoas, lugares e preserva-os no tempo, indubitavelmente ligados a subjetividade da memória e da imaginação. A fotografia fornece a visão do que foi, de certa maneira, atestando a veracidade (BARTHES, 1980).

Pode-se dizer que ela é um instrumento de conhecimento e reconhecimento, mas, não parece suficiente afirmar que a fotografia é a representação do “real”, ou seja, dar-lhe-á credibilidade ilimitada. Comungando junto à memória, ela pode “filtrar” versículos do real a fim de iludir, sofismar. “Possuir a verdade é também ser capaz de enganar” (DETIENNE, 1988, p.43).

ModaPalavra e-Periódico

A objetividade da fotografia confere-lhe uma força de credibilidade ausente em toda a obra pictórica. Sejam quais forem as objeções do nosso espírito crítico vemo-nos obrigados a acreditar na existência do objeto representado, efetivamente representado, isto é, tornado presente no tempo e no espaço" (BAZIN, 1992, p.19)

Para Detienne (1988) as fotografias demonstram ser um enigmático objeto, nelas apresenta-se um documento significativo acerca dos modos, costumes, modas de um tempo. Esses objetos, “relicários” de história, memória e moda, conglobam as possibilidades de compreensão ainda que estejam em um espaço confinado e num momento congelado de tempo.

Quando tratamos a fotografia também como documento de registro, temos encravado nela um grande suporte à rememoração, pois se trata de uma imagem, e esse fato atribui o valor de que nos valem das imagens das coisas, dos símbolos que elas apresentam e dos indícios que representam. O espaço e o tempo emoldurados na fotografia são elementos inseparáveis, aspectos duráveis à sua formação e essencial a sua rememoração. A fotografia “tem sua gênese num específico espaço e tempo, suas coordenadas de situação.” (KOSSOY, 1999, p.26).

É importante salientar, principalmente quando estamos tratando a fotografia como detentora de memória, que a primeira foi um fenômeno que certamente inovou a segunda, da mesma maneira que o fez com a sociedade e o pensamento moderno. Ela, demonstrando imparcialidade, apresentando-se metódica, contribuiu nos campos da evolução tecnológica, informativa, dedutiva, historiadora, do campo social e antropológico.

Vivemos numa época dominada pelas fotografias. No universo invisível das mentes e das emoções dos homens, a fotografia exerce hoje uma força comparável à da libertação da energia nuclear no universo físico. O que pensamos, o que sentimos, as nossas impressões dos acontecimentos contemporâneos e da história recente, as nossas concepções do homem e do cosmos, as coisas que compramos (ou deixamos de comprar), a configuração das nossas percepções visuais, tudo isso é modelado, em certa medida, e a maior parte das vezes decisivamente, pela fotografia. (GOLDSMITH apud. DONDIS, 2002, p. 193).

Percebe-se o grande valor que inunda a fotografia. Le Goff (2003) aponta que ela “revolucionou a memória”, sendo que, subitamente, a mesma pode ativar a

ModaPalavra e-Periódico

memória, expressar algo do passado, oferecendo revivê-lo no presente, mesmo que ela não pertença àquele que a observa.

Contudo, como já foi dito, a fotografia apesar de apresentar, contemplar uma determinada cena a qual exhibe vestígios de similitude com o seu alusivo, ela não deve ser tida como espelho do real. Desta maneira, como indica Barthes (1980), antes de ser uma cópia leal, ela passa a ser um indício do que passou, um “traço de um isto foi”. Sendo assim, a fotografia possui o prodígio do recriar, eternizar um momento, atuando tanto na memória individual quanto na coletiva, colaborando nas reminiscências dos fatos.

A escola histórica filiada ao positivismo, ao transformar os suportes da memória coletiva em documentos com valor de “prova” do tempo passado na história das sociedades, converteu a fotografia – mesmo sem o pretender – em “testemunho” por excelência da evolução do tempo. (TURAZZI, 1995, p.31)

Numa leitura da fotografia percebem-se práticas sociais e culturais, mais especificamente aqui modas e modos, e também analisar a relação da roupa com a memória, que é desenhada pela sua materialidade, mas nem desconsiderar os fatores subjetivos do olhar e do lembrar contidos nesse processo – fotografar, rever a foto e lembrar a partir do tempo presente. Stallybrass (2008, p.13) esclarece que a “roupa tende pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória.” Nesse sentido, tem-se no álbum de família um celeiro de modas, modos, memórias e histórias, “não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais uma confiança e seja mais edificante do que um álbum de família” (BOURDIEU, 1965, p.54).

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando essas imagens, ‘descongelam’ momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou o retratista têm sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o *start* da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções. (KOSSOY, 1999, p.138).

ModaPalavra e-Periódico

Ainda, no álbum de família temos o objeto detentor de memória viva e própria. Descobrimos e por diversas vezes redescobrimos que temos a possibilidade de conservar a lembrança, memória, história de momentos passados. Vê-se a importância da preservação desse instrumento de rememoração, mais do que isso, instrumento/objeto que carrega memórias, histórias, costumes, que proporciona uma propagação eficiente no construir uma memória secular.

Álbum de família

Primeira página do álbum. 1900. 1 de janeiro: os primos Jonas e Senhorinha, no dia seguinte ao do casamento. Ele, 25 anos. Ela, 15 risos primaveras. Vejam a timidez da jovem nubente. Natural - trata-se da noiva que apenas começou a ser esposa. E isso sempre deixa a mulher meio assim. Naquele tempo, moça que cruzava as pernas era tida como assanhada, quiçá sem-vergonha - com perdão da palavra. (RODRIGUES, 2004, p. 07)

No contexto de um projeto de um museu virtual, o Museu da Indumentária e da Moda (MIMo), tem-se na fotografia um objeto de estudo para fins museológicos. Nesse sentido, o trabalho junto ao MIMo trata a fotografia como foto-documento, foto-modelo, foto-lembrança, foto-objeto, passado-foto-presente. Bourdieu (1965) lembra que o “álbum de família exprime a verdade da recordação social”, mais do que apresentar passagens de nossas vidas, eles retratam épocas, situações, costumes, modos e modas. E é dessa premissa que se pode analisar as fotografias do álbum de família. Tomando por ponto de partida a referência imagética que obviamente é apresentada pela fotografia em conjunto com o depoimento/história/memória do cedente da mesma.

a) Uma fotografia: entre a memória e a história

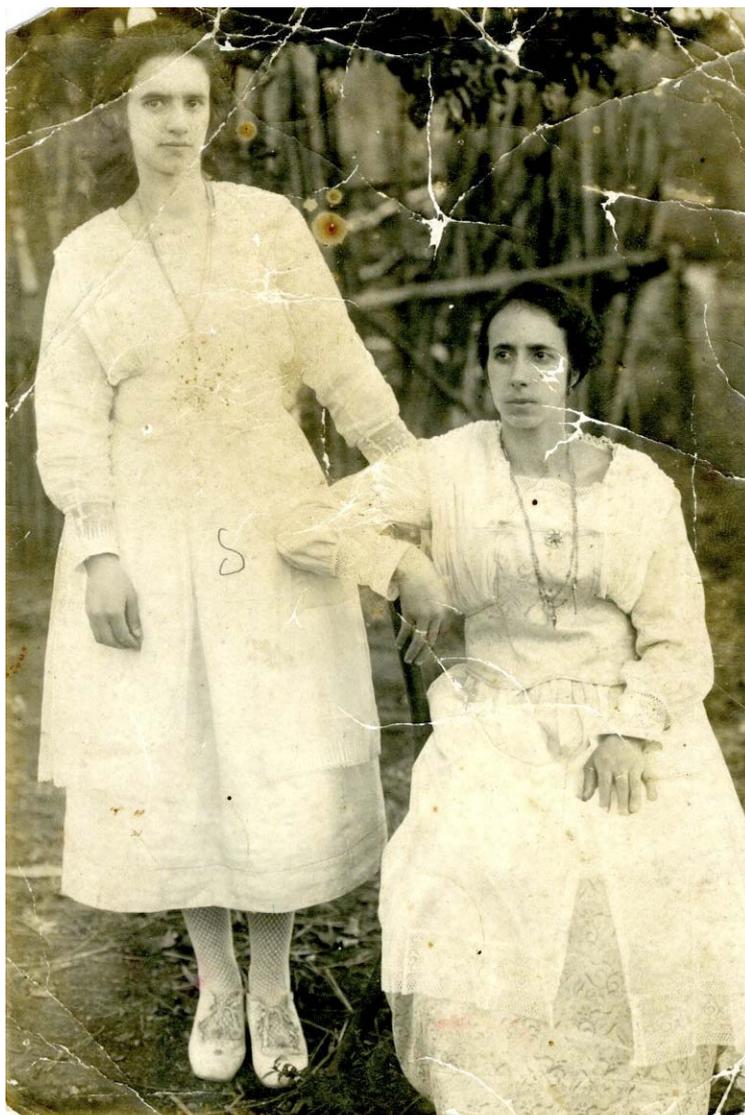


Imagem 1 – Fotografia do Álbum de família de Sirlei Crispim. A esquerda Sabina dos Santos e a direita Honória dos Santos. Bom Repouso/ Minas Gerais - 1914

a) **“Revele sua foto”² – a história da fotografia, contada pela cedente Sirlei Crispim**

² Trata-se da forma como o Museu da Indumentária e da Moda apresenta o depoimento que revela a história da fotografia cedida do álbum de família ao Museu. A própria campanha para ampliação do Acervo Imagens Fotográficas intitula-se “Revele sua foto”, já que a primeira revelação é sempre do protagonista da história, no caso, o guardião da fotografia que se quer revelada. A análise apoia-se no historiador da indumentária e da moda, do analista de imagem, do designer, ou do cientista social, enfim.

ModaPalavra e-Periódico

“Meu nome é Sirlei Crispim e vou contar um pouco da história da minha avó Sabina (a esquerda da foto) e de minha tia-avó Honória (a direita da foto). Essa história é uma memória passada de geração para geração, eu a ouvi de meu pai Celso que ouviu de minha avó Sabina, e como gosto, de alguma maneira, preservar as histórias da minha família, juntamente com a fotografia, que encontrei com o filho de uma amiga de minha avó, anotei, para não cair no esquecimento, a história destas duas mulheres de minha família. E é essa história que tenho anotada, mais a memória de todas as coisas que os mais velhos me contam que vou compartilhar.

Meu bisavo, Elias Belizário dos Santos, foi um notório fazendeiro da província de Bom Retiro (hoje município de Bom Repouso), a sede da fazenda era onde é hoje o bairro rural dos Marques, as terras de sua fazenda se estendiam por 7 bairros do município. Ele era um homem muito respeitado na região, casou-se duas vezes, a primeira com a Senhora Maria Vicência, com a qual teve 5 filhos: Leandro dos Santos, Maria dos Santos, Adão dos Santos, José dos Santos, Berenisia dos Santos . Maria Vicencia veio a falecer no parto de seu ultimo filho.

Quando ficou viuvo, Elias fez uma proposta para o Coronel Ananias de Andrade, homem de grandes posses e respeitado na região, o qual tem seu nome hoje, como homenagem postuma, na principal praça da cidade de Bom Repouso e também no maior colégio da cidade. A proposta foi a de ter a permissão de se casar com uma das irmãs do Coronel a Senhora Ana Andrade – minha bisavó, em troca o Coronel se casaria com uma de suas filhas, a Maria dos Santos. De fato, aconteceu o casamento de ambos, e da união de meus bisavós Elias e Ana nasceram: José Elias, Eliza, Fermio Elias, Honória (foto), Sabina (foto), Luiz Elias e Ermelinda.

Um de seus filhos, o primogenito, José Elias se casou com a filha de Cândido Crispim, homeopata, residente no Bairro Fazenda Velha município de Estiva. Após o casamento eles vieram morar na sede da fazenda do pai do noivo juntamente com Elias e Ana, e a sua então esposa trouxe para morar junto com eles seu irmão, uma criança de aproximadamente seis anos de nome Bazileu Candido Crispim, porque nesta mesma época, sua mãe, a esposa de Candido, falecera no parto juntamente com o bebê. Eles moraram na Fazenda, enquanto aguardavam a construção de sua casa nos arredores. Quando a casa estava pronta, e eles resolveram se mudar, Elias já tinha se afeiçoado muito ao pequeno Bazileu, então pediu autorização ao pai da criança o senhor Candido, sogro de seu filho José Elias para ficar com o menino e cria-lo, o que foi concedido.

Bazileu cresceu como um filho muito querido, aprendendo todos os ofícios da fazenda com o pai adotivo. Quando Bazileu ficou adulto, Elias, que certamente o queria sempre por perto, ofereceu sua filha Honória em casamento, por terem idades semelhantes, mas ele disse que preferia casar-se com Sabina, que apesar de ser um pouco mais velha, era a que ele gostava. Elias então, permitiu que eles se casassem. Casaram em 12 de agosto de 1915, ela com 19 e ele com 21anos. Pouco tempo depois do casamento eles foram morar junto com Elias na sede da Fazenda.

Sete anos mais depois, em 27 de junho de 1922 Honória se casou com Balbino Amaral, um farmaceutico, e foi morar em Bom Retiro, atual Bom Repouso, tiveram 6 filhos: Zilda, Libia, Erci, Marina, Hinto e Elpidio.

Sabina e Bazileu tiveram cinco filhos: José Crispim dos Santos, Alzira Crispim dos Santos, Maria Crispim dos Santos, Elias Crispim dos Santos e Celso Candido Crispim (meu pai).

ModaPalavra e-Periódico

Vó Sabina e tia-avó Honória sempre foram mulheres elegantes e distintas, como se pode ver nessa fotografia de 1914, apesar do pouco acesso as novidades, ou melhor, de as novidades da moda demorarem a chegar onde moravam, elas sempre conseguiam com os viajantes ter acesso a elas. Buscam sempre ter o que se usava nas capitais, referencia para elas de elegancia. Alias, essa fotografia, de quase cem anos atrás, só foi possível por que a família era muito rica, já que eram raros os fotografos que vinham para essas terras, devido as dificuldades de não haver estradas ou meios de transportes, assim meu bisavó Elias contratava algumas vezes e mandava buscar fotografos para registrar sua família.

Hoje a sede da fazenda continua em posse da família pertencendo ao meu pai Celso Candido Crispim e a casa ainda está preservada, assim como a história que minha família viveu lá. Eu mesma morei nesta fazenda com meus pais e meus irmãos por muitos anos, acho que por isso tenho o desejo de guardar essa memória.” (S.C. 14/02/13)

c) Análise da fotografia por meio da História da Indumentária e da Moda

No ano de 1914 inicia-se, oficialmente, o primeiro grande conflito em nível mundial. Os tempos são de preocupação, apreensão, busca por algum tipo de esperança de continuar existindo. Nada mais normal do que ter esses sentimentos, quando se está vivendo uma Guerra Mundial, a Primeira Guerra Mundial.

Inevitavelmente os anos de guerra são de tensão, restrição e mudanças. Mudam-se valores, mudam-se hábitos. Se levarmos em conta a promessa de prosperidade que marcaram o período anterior à guerra, especialmente a Europa na década anterior - a *Belle Époque* -, que, segundo Weber (1988, p.10), “só foi assim chamada quando se olhou em retrospectiva através de cadáveres e ruínas”, sendo os anos em que “também tiveram seus problemas, mas foram relativamente anos robustos, otimistas e produtivos”, entende-se, por comparação, pensamentos/ sentimentos que permeiam o olhar para os tempos de antes são mais austeros ou não.

O papel da mulher, suas funções no dia a dia, começou, também, a sofrer mudanças. Por muitas vezes a falta da figura masculina que estava no campo de batalha, fez com que a mulher assumisse lugares e funções na sociedade e em seus lares antes destinadas aos homens. Novas funções exigiam uma nova moda para as mulheres.

No Brasil, estas mudanças encadeadas pela I Guerra Mundial, pouco atingiram os costumes e hábitos, o cotidiano das mulheres, o que de fato ocorreu é que a “nova moda” que se instalou por determinados fatos ocorridos na Europa que geraram

ModaPalavra e-Periódico

novos comportamentos sociais, incluindo modos de vestir, que eram aqui imitados por admiração à elegância e bom gosto europeu ou por questões emblemáticas – escolhas políticas e econômicas.

Podemos lembrar que o estilista Francês Paul Poiret, em 1906, já havia inovado ao afrouxar a silhueta formal da mulher e liberar muito mais o corpo feminino do espartilho. Em 1910, as autoridades de saúde europeias condenaram o uso dessa vestimenta, alegando prejudicar a saúde e indicando uma cinta elástica menos agressiva (SABINO, 2010).

Assim, retoma-se o período da Primeira Guerra Mundial para pensar a vestimenta feminina. As mulheres aboliram de seus guarda-roupas esse “instrumento de beleza”. Esse ato tem a ver com os novos “deveres” dessas mulheres, já que elas necessitavam de mobilidade para executar as tarefas do dia a dia, tarefas que antes eram restritas aos homens, que agora se encontravam na guerra (CALANCA, 2008).

Na fotografia das irmãs Sabina e Honória percebem-se mudanças na moda no período que se inicia em 1914, apesar da tímida participação do Brasil na guerra. De qualquer modo, houve uma penetração na vida ou no imaginário social o sentimento de guerra, pois apesar de o país não ter enviado tropas, participou com algumas embarcações, suprimentos e alguns homens.

O fato é que na busca pela elegância, esta que era entendida como imitação do que se usava na Europa, chegou ao Brasil, e as novas “regras” de vestimenta foram aderidas, primeiramente por algumas famílias mais abastadas. Observa-se uma silhueta mais reta, sem a obstinação pela famosa silhueta em “S”, dos tempos do espartilho, o que apresenta também aqui uma libertação das mulheres em relação a essa vestimenta. No mais, subiram as bainhas das saias e vestidos até a altura das canelas mostrando, assim, os sapatos, antes escondidos por debaixo das saias. De qualquer modo, a parte das pernas que permanece a mostra passa a ser coberta por meias.

Podemos perceber que a família da foto era abastada, isso porque além das vestimentas, o fato de possuírem um álbum de família já revelava posse. Na época não era simples tirar fotografias, muito menos revela-las. Contratar um fotógrafo requeria o pagamento de altos valores e ainda era preciso levar em consideração o local onde a família vivia. Ter o registro das duas irmãs sozinhas demonstra que a família tinha

ModaPalavra e-Periódico

mesmo muitas posses, já que na época o comum produzir uma foto de toda a família reunida.

No aspecto social, temos um fato interessante encravado na fotografia, a irmã Honória, mais nova que Sabina, aparece sentada, quando o “costume” era o das pessoas mais velhas apresentarem-se sentadas nas fotografias. Também chama a atenção a posição da cadeira em que Honória está sentada – o encosto está virado para seu lado direito, o que passa a impressão de uma maior “liberdade”, de certa modernidade, tendo em vista que a fotografia era na época o registro da “melhor parte” da família, o que se queria registrar, sobretudo, eram as características marcantes de quem posava, ou melhor, as características que se queria construir para determinadas pessoas. Portanto, a foto revelava posição social e construção de aparência.

Ao que tudo indica essa fotografia demonstra algumas mudanças ocorridas no início do século XX, sendo ela mesma – a foto – um produto da época. Ainda é possível captar dentro de um contexto de conflitos, mudanças de comportamento e costumes, que se desenrolaram pelas décadas à frente, e, vieram a contribuir para a democratização do papel da mulher na sociedade. Porém, as bases patriarcais continuavam com enorme importância, tendo a figura paterna aquela que ditava as ordens em casa, quem escolhia casamentos, quem determinava o modo de vida, quem “ditava” as regras, quem nomeava a família.

É certamente, indiscutível, o poder e força do registro fotográfico como agregador da história e da memória, como espelho de modas e modos de outrora e de agora, representação do passado que transborda para o presente e que de certa maneira apresenta um futuro.

Também vale ressaltar que a fotografia é tratada aqui como mediação entre o vivido, o registrado e o lembrado; que os fatos históricos interpenetram a memória coletiva, compondo-se com outros aspectos da realidade do indivíduo ou grupo. Trata-se, então, de pensar como esse sujeito revisita a sua história, de seu tempo e lugar. Portanto, quando se opta na análise em considerar a narração do sujeito, a busca da verdade não está em questão e sim o que se lembra (a seleção) e como se quer registrado. Muitas vezes o fotografado não se lembra do que viveu e foi registrado

ModaPalavra e-Periódico

naquele momento, mas lembra do que lhe foi narrado pelos que lá estiveram presentes e se tornaram guardiões da memória da família ou grupo social.

Considerações finais

Esse trabalho buscou, por meio de estudos museológicos, identificar relações pertinentes entre o registro fotográfico e a história/memória de modos e modas. Dessa maneira, apoiado nas referências bibliográficas e imagéticas, iniciou-se o processo de coleta e análise de fotografias de “álbuns de família”. Esse material revelou informações e afirmações contidas nos retratos da vida passada, trazendo a tona aspectos históricos, culturais, sociais e econômicos.

Faz-se perceber, assim, o valor do álbum de família e a importância da preservação das memórias contidas nele, como também a necessidade de armazenar esses registros, fotografias, e analisa-los, mas também de apoiar nas narrativas de quem viveu ou conhece a história contida no retrato. Dessa forma, compreende-se a importância da fotografia como instrumento de registro e reminiscência.

Considera-se que estudar o uso da fotografia na criação do Museu da Indumentária e da Moda – MIMo demonstra um caminho possível para a preservação e difusão de coleções particulares, reiterando os modos e a modas enquanto práticas sociais e culturais que corroboram com a análise e compreensão da sociedade e cultura. Também, nesse sentido, o Design e a Moda passam a ser um centro de referência significativo para a análise de uma época ou situação vivida, para se entender os usos, costumes e mudanças, criações e recriações que ficaram eternizados na imagem fotográfica e na possibilidade de rememorar aquele instante apoiado nos elementos que ali estão e também ao se apoiar no documento histórico para também não se deixar esquecer e ajudar a compor o lembrar. Material rico em informações para o Museu que se propõe olhar o cotidiano e extrair dele elementos para se pensar a história, levando em conta fragmentos da memória.

Referências

- ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs). *Patrimônio e Memória: ensaios contemporâneos*. DP&A/FAPERJ, 1997.
- BARTHES, Roland. *La Chambre Claire, Note sur la photographie*, Paris: L'Étoile, 1980.
- BAZIN, André. *O Que é o Cinema*. Lisboa: Livros Horizonte, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Art Moyen*. Paris: Minuit, 1965.
- CALANCA, Daniela. *História social da moda*. São Paulo: SENAC, 2008.
- DETIENNE, M. *Dioniso a céu aberto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- FORTY, Adrian. *Objetos do Desejo. Design e sociedade desde 1750*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro, 2007. 256p. - (Museu, memória e cidadania)
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- KOSSOY, Boris. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: [Carlos Irineu da Costa](#). São Paulo: Editora 34, 1999.
- PERNIOLA, Mario. *Do Sentir*. Lisboa: Presença, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *Álbum de Família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- SABINO, Marco. *História da Moda*. São Paulo: Havana: 2010.
- SANTAELLA, Lucia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

ModaPalavra e-Periódico

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. São Paulo: Autêntica, 2004.

BURKE, Peter. “História como memória social”. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.

GOLDSMITH, Arthur. “O fotógrafo como Deus”. In: DONDIS, Donis A. *Síntese da linguagem visual*. São Paulo: Martin Fontes, 2002.

NORA, Pierre. “Entre memória e história - A problemática dos lugares.” Trad. de Yara Aun Houry. In: *Projeto História*, nº 10, dez., São Paulo, CEDUC, 1993, p. 7-46.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988, p. 06-58.